



O TERRORISMO COMO ARMA POLÍTICA NO SÉCULO XX

João Amancio de Queiroz Neto

O terrorismo, como arma política, é um tema da mais contundente atualidade. Antes considerado apenas em suas limitações instrumentais como mera ação no contexto da chamada guerra fria, hoje salta à consideração do relacionamento internacional e constitui até mesmo eventual motivo de um conflito mundial. O artigo do TC João Amancio Queiroz Neto é, de fato, um pequeno, porém enriquecido, ensaio sobre esse assunto, particularmente quando enfoca seus efeitos. Há que se ressaltar no trabalho a idéia de que "os terroristas sabem como utilizar os meios de comunicação social para seus próprios benefícios; os governos, nem sempre".

O século XX, para a humanidade, representou uma era de fantástico avanço em conquistas tecnológicas, acima de quaisquer previsões sequer outrora sonhadas pelas gerações anteriores. Paralelamente à ciência, desenvolveu-se também a violência, em escala global. As duas guerras mundiais e todas as outras que a elas se seguiram evidenciam plenamente tal afirmativa. O surgimento do caráter ideológico nos conflitos serviu para acirrar ainda mais as disputas, fazendo com que as guerras assumissem um aspecto psicológico e cruel, objetivando o

domínio da mente da população, acima das conquistas territoriais.

É nesse contexto moderno que se insere, hoje em dia, a violência como arma política, consubstanciada nas ações desenvolvidas pelas organizações terroristas.

A "Política do Terror", tal como hoje a conhecemos, é, portanto, um fenômeno bastante recente no cenário mundial. O terrorismo revolucionário surgiu apenas há 100 anos, aproximadamente. O tipo internacional é ainda mais moderno, sendo exatamente um produto das últimas décadas.

É certo que, no passado, exis-

tem exemplos de utilização da violência como arma política. Porém, o que distingue o terrorismo histórico do contemporâneo é que este, hoje em dia, multinacionalizou-se, transformando-se numa verdadeira guerra por procuração, na qual a organização patrocinadora do terror torna-se prisioneira, inicialmente, do apoio financeiro e, posteriormente, do engajamento ideológico.

Dada a importância assumida, na atualidade, por essa forma característica de luta política, existe um consenso mundial para estudar as causas desse fenômeno, buscando encontrar soluções que possam erradicá-lo ou, pelo menos, combatê-lo eficientemente, com o mínimo de sacrifício às populações diretamente envolvidas.

Este ensaio objetiva focar alguns aspectos do terrorismo empregado como arma política, abordando suas principais características, modos de atuação, antecedentes históricos e fatores de sucesso, além de apresentar, em sua discussão e conclusões finais, uma visão sucinta e pessoal sobre o problema, à luz dos dados pesquisados pelo autor.

Definições

Não existe uma definição perfeitamente uniforme e universalmente aceita sobre o terrorismo. Vários autores, em diversas publicações, têm manifestado suas opiniões pessoais sobre o assunto, traduzindo-as sob inúmeros enfoques, de acordo com os respectivos pontos de vista. Ao se tratar

especificamente do terrorismo político, seu conceito fica por demais abrangente, dificultando sobremodo o estudo a ser feito. Abordaremos aqui algumas definições consideradas mais significativas, partindo do geral (terrorismo no sentido amplo do termo) para o particular (terrorismo empregado como arma política).

Em sua acepção mais importante e geral, a palavra TERROR significa um estado psíquico de grande medo ou pavor. O vocábulo TERRORISTA entrou em uso generalizado após a Revolução Francesa, no período entre 1793 e 1798, para indicar os revolucionários que procuravam utilizar o terror sistematicamente, seja para reforçar suas opiniões, seja para governar¹.

Genericamente, o terrorismo consiste de ações que objetivam provocar uma sensação de terror (medo, receio) em indivíduos ou grupos. Contudo, esta delineação é vaga, porque aquilo que pode induzir uma pessoa ao medo pode não ter efeito sobre outra.²

Uma definição básica do terrorismo apresenta-o como sendo a tática empregada por grupos fracos contra forças oponentes maiores, em busca de objetivos políticos. Daí poder-se recusar ao terrorismo a característica de, por si, satisfazer unicamente ao critério de uma filosofia³. Existem, portanto, outras motivações que não apenas idealísticas ou filosóficas no seu âmago gerador.

O terrorismo pode, ainda, ser definido como uma violência ideológica e política, utilizada por gru-

pos nacionalistas, que buscam atingir objetivos táticos e estratégicos, reais ou imaginários.⁴ O terror vem a ser, portanto, um ato simbólico, destinado a influenciar o comportamento político por meios anormais. É simbólico porque o seu impacto psicológico é, habitualmente, mais profundo do que a proeza material.⁵

Finalmente, vejamos a definição dada por um estudioso do terrorismo político, Raymond Aron, constante do livro *Terrorismo Político*, de Paul Wilkinson, edição Artenova, para complementarmos assim o nosso entendimento final:

"Um ato de violência é rotulado de terrorista quando seus efeitos psicológicos estão em desproporção com o seu resultado puramente físico (Raymond Aron)."

Antecedentes históricos

O terrorismo, em si, não é um fenômeno novo e original, típico do atual desenvolvimento da humanidade. Ele apenas parece mais mortífero do que as violências do passado porque nos ameaça no momento, assumindo aspecto global e internacional.⁶ O terrorismo antigo, além de se circunscrever ao ambiente interno de um país, tinha por fundamento, quase sempre, uma causa justa. Era uma explosão espontânea contra a tirania e praticamente desconhecida a publicidade.⁷

O terrorismo apareceu sob as mais diferentes formas e causado pelas mais diversas motivações, como movimentos de protesto religioso, revoltas políticas e con-

tos sociais. Um dos mais antigos exemplos conhecidos foi o dos SICARII, uma seita bastante organizada, cujos membros, na Palestina, atacavam seus inimigos à luz do dia, de preferência nos feriados, quando o povo se reunia em Jerusalém. A arma preferida era uma espada — *sica* —, daí o nome da organização. Eram eles extremistas-nacionalistas, anti-romanos e rejeitavam os sacerdotes como intermediários do poder divino.⁸

Esse mesmo misto de esperança messiânica e terrorismo político tinham os Assassins, que apareceram na Ismaíliia no século XI e foram dominados pelos mongóis no século XII. Usavam sempre a adaga como arma, porque consideravam o crime um ato sacramental para defender suas próprias idéias políticas e religiosas.⁹

O "Reinado de Terror" da França revolucionária (1793/94) foi o marco inicial da propagação do terrorismo, patrocinado por Robespierre e sua corte, como membros do Comitê de Salvação Pública¹⁰. A ideologia revolucionária proporcionou, ao mesmo tempo, a justificação para o terror. Este era visto, então, como a justa e legal sanção do povo, validando a violência em nome da vontade geral. O "Reinado do Terror" revolucionário, portanto, é uma invenção da Revolução Francesa.¹¹

Os antecedentes do terrorismo insurrecional, contudo, podem ser encontrados na Rússia do século XIX. O teórico do anarquismo, Bakunin, conseguiu infiltrar as instituições, através de organiza-

ções secretas. O mais famoso dos violentos grupos desse período foi o Narodnaya Volya, cujos membros julgavam poder fomentar agitação generalizada e, desse modo, apressar a revolução. Após várias e infrutíferas tentativas, conseguiram assassinar o Czar Alexandre II.¹² A atuação desse grupo foi a mais importante do século XIX, embora suas atividades tenham durado apenas de 1878 a 1881.

O modo pelo qual o terrorismo revolucionário minou o Estado Czarista na Rússia e ajudou a criar as condições para os bolcheviques tomarem o poder deixou uma marca indelével nas mentes das lideranças soviéticas.¹³ O terrorismo russo ficou marcado tanto como o início da formação de um Partido Socialista Revolucionário, quanto como o sintoma de uma crise geral na sociedade russa. O exemplo dado na Rússia, em 1917, exerceu considerável influência nos demais movimentos terroristas que se seguiram, empregando a violência como arma política.¹⁴

A importante luta de guerrilha pela independência da Irlanda, travada de 1916 a 1921, também pode ser considerada como um bem-sucedido emprego do terrorismo para fins políticos.¹⁵

A precipitada retirada dos ingleses da Palestina, na década de 40, pode ser atribuída às atividades terroristas exercidas pelos grupos israelenses Stern e Irgun Zvai Leumi. Muitos movimentos coloniais e comunistas, do final da década de 40 até o início dos anos 60, empregaram amplamente os exem-

plos legados pelos irlandeses e israelenses.¹⁶

O ano de 1968 foi vital, marcado significativamente pelo último fracasso romântico: a morte de Guevara. A força colossal deflagrada por um bando de jovens revoltados tirou o fôlego de vários sistemas do mundo. A "Nova Esquerda", que então surgia, seria o laboratório do grande vendaval dos anos 70. Pequenos grupos armados da década de 60 transformaram-se numa vasta rede internacional, com campos de treinamento, arsenais poderosos, exércitos modernos, bem equipados e prontos para atacar em qualquer lugar do planeta, sem fazer distinções políticas, econômicas, sociais ou culturais.

Entre os anos de 1966 e 1976, os atos terroristas fizeram de 6 a 8 mil vítimas em todo o mundo, com uma média de 700 por ano, sendo mais da metade na Argentina e na Irlanda do Norte.¹⁸ Durante a década de 70, quase nenhum país, de alguma forma ligado ao Ocidente, foi poupado pelo ativismo terrorista. Mais da metade desses atentados atingiu os países ao norte do Equador. No hemisfério sul, os países mais duramente atingidos foram o Brasil e a Argentina.¹⁹

Classificação

Existem várias classificações, dadas ao terrorismo político por diversos autores. Abordaremos apenas as consideradas mais significativas.

Segundo a localização geográfica, podemos distinguir três tipos:

o separatista-nacionalista, surgido no Oriente Médio, Canadá e Espanha; o latino-americano, um fenómeno *sui-generis*, onde o terror urbano surgiu com sabor de novidade e, por último, o terrorismo na América do Norte, Europa e Japão que cresceu fora da "Nova Esquerda" e atestou a inoperância desta naqueles países. A aparição desses três tipos de terrorismo político aconteceu, casualmente, ao mesmo tempo, mas eles não têm quase nada em comum entre si. Contudo, pelo fato de terem surgido quase simultaneamente, houve uma certa cooperação entre eles e, talvez, mesmo, alguma influência mútua²⁰.

Paul Wilkinson, em seu livro *Terrorismo Político*, apresenta a seguinte classificação:

1) *Terrorismo revolucionário* — é aquele que recorre a táticas sistemáticas de violência terrorista, com o objetivo de ocasionar a revolução política. Neste tipo enquadram-se: organizações nas quais o terrorismo é a única arma; partidos e movimentos libertadores, revolucionários e nacionais, que empreguem o terror como a arma auxiliar; o terrorismo das guerrilhas (rurais e urbanas); o terror a curto prazo, no curso de um levante insurreccional; a propaganda do terror, quando for motivada por objetivos revolucionários a longo prazo e, finalmente, o terrorismo internacional, cometido fora das fronteiras das partes envolvidas no conflito político.

2) *Terrorismo sub-revolucionário* — é empregado por outros motivos políticos que não a revolução

ou a repressão governamental. Seus possíveis objetivos incluem: tentativa de forçar o governo do país a introduzir modificações em sua política; vingança, punição ou aviso a autoridades específicas; rixas com facções ou grupos rivais; retaliação contra invasão de terras ou propriedades ou, ainda, contra a interferência do governo na maneira de viver do povo.

3) *Terrorismo repressivo* — é o uso sistemático de atos terroristas de violência, com o fim de reprimir, derrubar, dominar ou restringir certos grupos, indivíduos ou formas de comportamento, considerados indesejáveis pelo repressor. Este pode ser o próprio Estado, através de seus governantes ou agentes, ou uma facção. Pode ser dirigido contra toda a população ou apenas a grupos selecionados (insurretos ou suspeitos de insurreição). Este tipo de terrorismo político é sempre arbitrário, imprevisível e indiscriminado em seus efeitos, não sendo suscetível aos apelos da lei ou da razão.

Outra classificação, normalmente aceita, diz respeito às vítimas selecionadas pelo ato terrorista. Assim, teremos:

1) *Terrorismo pragmático* — quando a ação enfraquece a capacidade governamental (ou militar) ou, ainda, beneficia materialmente os terroristas. Exemplos: assassinato de um ditador, emboscada contra soldados, roubo de um banco, desvio de armas de um estabelecimento comercial ou depósito militar etc.

2) *Terrorismo simbólico* — os resultados são apenas psicológicos,

não acarretando benefício material para os terroristas e nem danos físicos ao inimigo. Exemplo: o massacre no Aeroporto Lod, em Tel Aviv, em 31 de maio de 1972, ceifou 25 vidas, a maior parte porto-riquenhos e de nenhum modo enfraqueceu a capacidade militar de Israel. No entanto, sem nenhuma dúvida, atraiu grande parte da atenção mundial para a causa palestina, que era o objetivo primordial a ser alcançado.²¹

Finalmente, o terrorismo político pode ainda ser classificado segundo o tipo de ação desenvolvida:

1) *Terror material* — compreende todos os atos de sabotagem e destruição. Embora nenhum governo possa proteger todos os bens potencialmente ameaçados, a omissão em defender qualquer objetivo simbolicamente importante pode ser interpretada como uma demonstração de fraqueza.

2) *Terror pessoal* — atos perpetrados contra as autoridades que fazem parte do governo, seus seguidores e membros das forças armadas ou policiais.

3) *Terror total* — atos praticados contra o público em geral e cuja finalidade é demonstrar a incapacidade do regime em manter a ordem pública, fator necessário à normalidade da vida diária e das atividades comerciais.²²

Objetivos

Na guerra moderna, o objetivo é conquistar o controle e o apoio da população, preservando-se ao máximo o potencial humano, eco-

nômico e industrial do país-alvo. Assim, os ataques desferidos contra a estrutura política, a burocracia e o aparelho policial têm a ampla função de enfraquecer o mecanismo de controle exercido pelo governo e destruir as defesas policiais, necessárias à tranquilidade da vida diária do cidadão. Tal estado de coisas pode precipitar uma crise governamental, já que o Estado, tendo demonstrado que não pode assegurar devidamente a segurança coletiva a seus nacionais, leva o indivíduo a perder a confiança na autoridade pública e passa a obedecer aos insurretos, uma vez que estes podem, pelo menos, garantir melhorar a sua proteção física. Através dos evidentes efeitos do terror permanente, os insurretos buscam despertar a consciência político-revolucionária de toda uma população.²³

Através dos seus atos, os terroristas almejam não só a divulgação de sua causa, como também mostrar a disposição de lutar por ela e assim inspirar o apoio popular. Os atos ainda podem ser utilizados para intimidar determinado setor da população, para "avisar" contra a colaboração com o governo ou com adversários dos terroristas ou, ainda, para implantar uma sensação de insegurança e medo num determinado grupo específico do povo (as forças de segurança, por exemplo).²⁴

O objetivo da espiral de violência é alimentar um clima de confusão e destruição, induzindo, assim, a um estado de pânico que possa perturbar, se não paralisar por completo, o fluxo normal de vi-

da.²⁵ Contudo, um grande número de mortos contribui para afastar a população da causa e, portanto, não é esse, normalmente, o objetivo de um ato terrorista.²⁶

Um dos efeitos almejados pelo terrorismo político é forçar as autoridades a gastarem recursos cada vez mais elevados com a segurança, tornando a repressão tão dispendiosa que o governo prefira recuar, a continuar a luta.²⁷

Características

Se o terrorismo político atrai tanta atenção, é por causa de suas características dramáticas e surpreendentes. A maioria dos atos terroristas apresenta uma constante: a busca e ânsia de publicidade.²⁸

Uma importante característica do terrorismo político é a sua natureza indiscriminada, isto porque o efeito a ser obtido é o terror subjetivo. Outra característica consiste em ser o terrorista político imprevisível, arbitrário e sem respeito a qualquer norma ou convenção humanitária. Por sua natureza clandestina, atroz e destruidora, o terrorismo político é perpetrado por fanáticos desesperados.²⁹

O que distingue fundamentalmente o terror político de outras formas de violência organizada não é simplesmente a sua severidade, mas os seus aspectos de amoralidade e antinomismo. Os terroristas manifestam indiferença quanto aos códigos morais vigentes ou alegam isenção de todas essas obrigações. O terror político, quando deliberado

mente, está implicitamente preparado para sacrificar todas as considerações morais e humanitárias, em benefício de algum fim político. A ideologia do terrorismo aceita que a morte e o sofrimento daqueles que são inocentes de qualquer crime são meios inteiramente justificáveis para os seus fins políticos.³⁰ As façanhas dos terroristas estão livres de preocupações quanto ao reconhecimento das normas tradicionais de combate. Por exemplo, não fazem distinção entre combatentes e não combatentes, nem mesmo pelo critério de idade: as crianças são vítimas adequadas aos propósitos terroristas.³¹

Em resumo, podemos identificar então as seguintes características básicas, comuns a todas as formas de terrorismo político: indiscriminação, imprevisibilidade, arbitrariedade, capacidade de destruição impiedosa e natureza implicitamente amoral e antinomista.³²

Métodos

De um modo bastante genérico, podemos classificar os métodos empregados pelos terroristas para consecução de seus objetivos políticos segundo duas categorias principais:

1) *Com vítima única* — são os seqüestros e os assassinatos de pessoas, previamente selecionados. Normalmente, os diplomatas, os executivos de alto nível e elementos ligados aos órgãos de segurança são os mais vulneráveis, porque representam os valores combatidos

pelos terroristas. Geralmente, no caso dos aptos, é feita uma exigência às autoridades governamentais, que atenda aos interesses da organização: troca ou libertação de prisioneiros políticos, divulgação de manifestos, adoção de determinadas medidas pelo governo etc.

2) *Com vítimas múltiplas* — são os seqüestros de aeronaves ou de mais de uma pessoa simultaneamente, a captura e conservação de grupos de reféns, os massacres de emboscada e os ataques com bombas. As exigências normalmente são as mesmas já vistas para o caso anterior.³³

Foi a partir de 1968, quando surgiram outras manifestações de guerrilha urbana, que teve início o seqüestro por expressa finalidade política. Começando na Guatemala, espalhou-se logo após, atingindo o Brasil, a República Dominicana, a Argentina e o Uruguai. Em 1970 os separatistas franceses, no Canadá, aproveitaram-se da idéia, que se difundiu para a Turquia, Espanha, Haiti e México. Ainda no início da década de 70 o seqüestro de aeronaves veio a constituir-se na principal atividade terrorista, destacando-se nessa prática os palestinos, que associaram o rapto e a chantagem política à mesma. O seqüestro aéreo tinha as vantagens adicionais de possibilitar uma fuga fácil e rápida aos terroristas, permitir exigência de resgates de custo relativamente alto, além de garantir ampla publicidade, sempre buscada.³⁴

A diferença entre a pirataria aérea e a prisão de reféns em massa é que, neste último caso, os terroris-

tas não afastam suas vítimas do local do ataque. Um exemplo típico seria o da entrada em um importante edifício, para capturar seus ocupantes, conforme ocorreu na Embaixada da Arábia Saudita em Kartum, ocupada pela Organização Setembro Negro ou a Tomada do Consulado dos Estados Unidos na Malásia por elementos do Exército Vermelho.³⁵

Os edifícios públicos, sedes de companhias comerciais, aéreas militares, depósitos, viaturas oficiais e particulares, além de locais populares de reuniões (cinemas, bares, restaurantes etc.) são os alvos principais, escolhidos pelos terroristas para utilização do método de ataques com bombas.³⁶

Fatores de sucesso do terrorismo político

Determinados fatores desempenhavam papel decisivo para os resultados obtidos pela rede do terror político na década de 70. Foram eles:

1) O *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*, de Carlos Marighella, foi o instrumento didático mais importante do terrorismo, tendo obtido retumbante sucesso internacional, traduzido para vários idiomas. Passou a ser fonte de consulta obrigatória para organizações terroristas famosas, como as Brigadas Vermelhas e o Grupo Baader-Meinhoff. Exerceu destacada influência para o crescimento do terrorismo, em âmbito mundial.

2) Apoio financeiro, a nível internacional — foi outro importan-

te fator de sustentação, destacando-se dois personagens:

a) *Giorgio Feltrinelli*, herdeiro de uma das famílias mais ricas e poderosas da Europa. Subvencionou o Partido Comunista Italiano (PCI); estimulou, financiou e ajudou a criar e organizar, na Alemanha, o Grupo Baader-Meinhoff, além de desenvolver a sua própria organização terrorista na Itália, que viria, após a sua morte, adquirir triste e retumbante fama — as Brigadas Vermelhas.

b) *Coronel Muamar Khadafi, da Líbia* — seu primeiro investimento no terrorismo palestino no exterior foi o massacre de atletas israelenses, em Munique. Atualmente, não se preocupa com a posição ideológica dos grupos por ele financiados, desde que o alvo das atividades seja o Ocidente ou Israel. Tem investido milhões de dólares na guerra civil do Líbano e, nos últimos dez anos, esteve envolvido em quase todos os atos de terrorismo político desencadeados nas mais diversas partes do mundo.

3) *Apoio logístico internacional, com sede em Paris* — o desempenho da máquina do terror teria sido menos mortífero, se não pudesse contar com o auxílio de Henri Curiel, que instalou em Paris uma gigantesca rede de apoio logístico ao terrorismo internacional, com inequívoca ajuda soviética, mais tarde desmantelada pelas autoridades francesas.³⁷

Tendências ideológicas

O terrorismo empregado como arma política, de um modo geral,

apresenta três tendências ideológicas básicas:

1) *Nacionalismo* — característico das seguintes organizações: Movimento de Libertação da Pátria Basca (ETA-V), Exército Republicano Irlandês (IRA) e a Frente Popular de Libertação da Palestina (FPLP), esta com forte mescla de marxismo.

2) *Marxismo* — característico de organizações como o Exército Vermelho Japonês (EVJ) e, na Alemanha Ocidental, o Grupo Baader-Meinhoff e o Movimento Dois de Julho (nestes, o produto final é um misto de anarquismo e marxismo, com preponderância deste último).

3) *Anarquismo* — cultuam um credo negativista, procurando destruir a sociedade tal como ela é, porém sem terem nenhuma idéia do que pretendem, em relação a ela e nem como substituí-la por outra.

Embora basicamente marxistas, a maioria das organizações terroristas rejeita a perspectiva passiva do comunismo soviético ortodoxo, em favor da violência revolucionária, tal como advogada por Marighella. Em troca, os comunistas ortodoxos, em geral, renegam o terrorismo, chamando seus adeptos de "gângsteres burgueses" que se ressentem de um fundamento político e abandonam a estrutura já testada do Partido Comunista em favor de "arruaças" de curto alcance e, muitas vezes, contraproducentes. Por isso, os terroristas políticos relacionam-se mais com a Quarta Internacional Trots-

kysta do que com o comunismo soviético.³⁸

Principais organizações

Inúmeras são as organizações que utilizaram ou ainda utilizam o terrorismo como arma política. Mencionaremos aqui apenas as que se tornaram mais conhecidas em âmbito internacional, tecendo alguns comentários sobre algumas delas:

1) *Palestina* — a “Al Fatah”, compreendendo a Organização de Libertação da Palestina (OLP), a Frente Popular de Libertação da Palestina (FPLP) e a Organização Setembro Negro (OSN).

2) *Japão* — Exército Vermelho Japonês (EVJ), também conhecido como Exército Vermelho Unido (EVU).

3) *Alemanha Ocidental* — Grupo Baader-Meinhoff e o Movimento Dois de Julho.

4) *Irlanda do Norte* — Exército Republicano Irlandês (IRA).

5) *Itália* — Brigadas Vermelhas e o Núcleo Proletário Armado.

6) *Turquia* — Exército de Libertação Popular Turco (ELPT).

7) *Espanha* — Movimento de Libertação da Pátria Basca (ETA-V) e a Frente Revolucionária e Patriótica Antifascista Comunista (FRPAC).

8) *Argentina* — Exército Revolucionário do Povo (ERP) e os Montoneros.

9) *Uruguai* — Tupamaros.

10) *Chile* — Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR).

11) *Brasil* — de um modo geral, todas as organizações seguidoras

de Marighella, resultantes da “atomização” das esquerdas brasileiras.

Entre todos os grupos nacionalistas que empregaram o terrorismo político na última década, o irlandês e os palestinos tiveram maior publicidade do que os outros. Ambos tinham pontos em comum, como o fanatismo religioso e o desejo de unificação de seus territórios.

A principal característica do IRA tem suas raízes no nacionalismo místico, apresentando, de um lado, o esforço antibritânico e, do outro, o medo do protestantismo.³⁹

Fundado na década de 50 por Yasser Arafat, a “Al Fatah” é o protótipo e, talvez, o mais conhecido dos grupos terroristas da atualidade. A FPLP, de George Habash, permaneceu como uma organização marxista-leninista, mais radical que a OLP, objetivando não apenas a recuperação da Palestina, como também a destruição de Israel e a libertação de todos os árabes do regime “capitalista opressor”. Já a OSN é um pretenso grupo dissidente da “Al Fatah”.⁴⁰

O Grupo Baader-Meinhoff apresentou uma séria ameaça para a segurança das instalações dos Estados Unidos na Alemanha Ocidental. Reagindo contra a política americana no Vietnã, esse grupo fanático desencadeou ataques com bombas contra o QG do 5º Exército Americano, contra automóveis estacionados no QG do Exército Europeu em Heidelberg e em vários outros pontos, conseguindo, assim, demonstrar a vulnerabilidade

de dos diplomatas, dos militares, dos turistas e das instalações americanas, mesmo em um país que mantenha relações amistosas com os Estados Unidos.⁴¹

As Brigadas Vermelhas italianas, a princípio, desencadearam uma intensa e bem-sucedida campanha de terror. O assassinato de Aldo Moro, porém, marcou o seu ponto de declínio, pois causou revolta internacional e repulsa aos métodos empregados pelos terroristas. Posteriormente, com o malogro do sequestro do General americano Dozier, esse grupo foi praticamente desmantelado, com seus principais líderes presos e submetidos a julgamento.

O terrorismo político na América Latina

A morte de Guevara na Bolívia, em 1967, e a prisão de Regis Debray marcaram a decadência da guerrilha rural na Venezuela, Peru e Colômbia. Surge, então, o terrorismo urbano, tendo o Brasil, Argentina e Uruguai como cenários principais.

Os terroristas latino-americanos agiam com o objetivo de obter a maior publicidade possível sobre seus atos, que eram realmente propagados a nível internacional. Eles criaram uma doutrina, mais por instinto do que baseada em estudos sócio-políticos. Foram os primeiros a se especializarem em sequestros de diplomatas estrangeiros e de altos homens de negócio, corretamente supondo que isto causaria embaraços ao governo e, ao mesmo tempo, atrairia grande

atenção e publicidade no mundo inteiro.

Os dois principais chefes ideológicos na América Latina foram Abraham Guillen e Carlos Mariaghella. O primeiro insistia na importância do trabalho ideológico para garantir o apoio das massas, preocupava-se com a estratégia política das guerrilhas e condenava, terminantemente, o assassinato gratuito. Já o segundo, ao contrário, era totalmente a favor da ação terrorista, tanto melhor quanto mais radical e destrutiva fosse. Defendia a idéia de que o assassinato era mais importante e eficaz do que qualquer outra atividade, especialmente discussões intelectuais.

A mais interessante inovação introduzida pelos terroristas políticos da América Latina foi a criação da Junta de Coordenação Revolucionária (JCR), em 1974, unindo as organizações subversivas do Chile, Argentina, Uruguai e Bolívia, o que passou a indicar que o centro de gravidade do terrorismo urbano era, realmente, Buenos Aires.⁴²

A Internacional Terrorista

Em anos recentes tem sido dada uma atenção cuidadosa ao terrorismo transnacional e ao inter-relacionamento, cada vez mais íntimo, existente nas organizações terroristas, em áreas geográficas bastante distantes umas das outras. A maior responsabilidade no incitamento à violência e ao terrorismo, em áreas-problema, como a Palestina e a Irlanda, cabe a certos países em cujos territórios não subsiste esse

fenômeno: a Rússia, a Líbia, a Argélia e Cuba, que organizaram uma central mundial de incitamento e financiamento de atividades subversivas, com estrutura semelhante à das empresas multinacionais.⁴³

As sensacionais operações realizadas pelo terrorista venezuelano Ilich Ramirez Sanchez ("Carlos") atraíram a atenção do mundo para o fato de que a rede do terrorismo multinacional tinha posto os latino-americanos em aliança com os palestinos, japoneses, alemães ocidentais, pistoleiros do IRA e os governos que os apóiam. Representantes palestinos e árabes esquerdistas, na América Latina, empenharam-se para unificar a rede, tendo Paris como principal centro de contato, com apoio da embaixada cubana. É aí que estava o QG do aparato exterior da JCR, órgão de coordenação dos movimentos revolucionários na América Latina. A JCR operava impressionante rede de organizações de frente e grupos de apoio no México, Venezuela, Estados Unidos e Europa Ocidental. Tinha ligações com entidades como o Comitê Chileno de Solidariedade, o Tribunal Bertrand Russel e Associações de Direitos Humanos. Além da França, a JCR fez-se representar na Alemanha Ocidental, em Portugal, na Bélgica, Holanda e Itália. Os cursos para treinamento de terroristas da JCR eram proporcionados por Cuba e diversos países do Oriente Médio, entre os quais o Iraque e a Líbia.⁴⁴

A existência de alianças internacionais existentes entre os diversos

grupos de terror pode ser ainda evidenciada através da comprovada colaboração entre os terroristas japoneses, palestinos e outros. O sensacional massacre do Aeroporto Lod (Tel-Aviv), em maio de 1972, foi responsabilidade da FPLP, que recrutara os pistoleiros japoneses do EVU. Um segundo incidente, em janeiro de 1974, demonstrou a aliança FPLP-EVU, quando quatro terroristas tentaram explodir três depósitos da Refinaria da Shell Oil Company, em Singapura. Além dessa associação, foi observado que a Frente de Libertação da Eritreia (FLE) tem recebido treinamento dos palestinos. Também o Movimento Separatista Basco (ETA) está alinhado com o IRA.⁴⁵

Seguidamente, tem sido a União Soviética apontada como a patrocinadora dessa "guerra por procuração", porque delega grande parte do delicado trabalho de manter ligações com os grupos terroristas a seus procuradores, como a Alemanha Oriental, Cuba, os Estados Árabes radicais e a OLP.⁴⁶

O primeiro pólo de treinamento foi Cuba, logo seguido pelos palestinos e, por fim, a própria URSS, armando e treinando os palestinos em seu próprio território e formando milhares de terroristas profissionais de outras nacionalidades no interior da Rússia ou em países-satélites como a Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, Hungria, Bulgária, Coreia do Norte e Lêmen do Sul. Posteriormente, na década de 70, a linha de campos de treinamento desceu até a África com Argélia, Angola e Moçambique.⁴⁷

Além de receberem apoio de governos estrangeiros, os grupos que se dedicam ao terrorismo político, na atualidade, à medida que se tornam mais ricos, bem informados e treinados, cooperam uns com os outros, em escala crescente.⁴⁸

Terrorismo tecnológico como arma política

Admitindo-se que o terrorismo internacional possa, em futuro previsível, ser colocado sob rigoroso controle, através de rígida legislação e intensificadas medidas de segurança e fiscalização, isto pode vir a precipitar o advento do terrorismo voltado para a destruição em massa, já que esta oferece valor muito maior do que a violência convencional, no que tange à propaganda e à guerra psicológica.

Especialistas não descartam a possibilidade de serem incluídos, no futuro arsenal do terror, meios químicos, biológicos ou nucleares capazes de provocarem grande mortandade. Seus efeitos podem causar, de uma só vez, milhares ou milhões de vítimas, além de generalizado pânico na população e incalculáveis prejuízos e interrupção na administração oficial.

São praticamente ilimitadas as opções — sigilosas ou ostensivas — para disseminação dos agentes químicos, incluindo o envenenamento dos sistemas de fornecimento de água, contaminação do estoque de alimentos, produção de gases e aerossóis em recintos fechados ou a disseminação desses agentes através de explosivos.

As possibilidades tecnológicas

do terrorismo biológico — doença ou morte provocadas no homem, animais ou plantas, através do emprego de organismos vivos — são as mesmas da ameaça química.

Contudo, a possibilidade mais apavorante é a detonação de um artefato nuclear por terroristas políticos. A consciência desse perigo está realmente evoluindo e tem despertado o interesse público. Muitos observadores já expressaram seus receios quanto ao perigo de roubo ou captura de armamento nuclear tático ou estratégico, no país considerado ou no exterior. De posse de uma dessas armas, um grupo terrorista poderia manter toda uma população como refém, além de poder imobilizar quaisquer reações do Governo, imponente sob tão imensa ameaça. Sem dúvida alguma, a publicidade decorrente seria também fator de benefício aos objetivos políticos dos terroristas.

Outras opções seriam a sabotagem contra usinas nucleares, liberando material radioativo ou, ainda, a utilização do plutônio ou outro qualquer material físsil para contaminação de recursos naturais e causar danos ao meio ambiente, a curto e longo prazos.

Vale ressaltar que essas hipóteses não são meras especulações, tendo em vista que, nos últimos anos, já desapareceram milhares de quilos de urânio e plutônio enriquecidos, em várias partes do mundo.⁴⁹

Contraterrorismo

Os assassinatos de Hans Martin Schleyer e de Aldo Moro marca-

ram o ponto de saturação contra o terrorismo internacional e desencadearam a onda de repressão. Os dirigentes da Europa Ocidental criaram algo como uma sólida internacional antiterrorista, não mais se limitando a combater em seu próprio território, mas estendendo sua ação preventiva e repressiva também ao exterior. Exemplos disso foram a ação israelense em Entebbe, o comando alemão GSG-9 que desembarcou em Magadíscio (Somália) e ainda a libertação do General americano James Dozier pelos "Cabeças de Couro" na Itália, com a posterior prisão de inúmeros dirigentes e militantes das Brigadas Vermelhas.⁵⁰

Um governo submetido à pressão terrorista não pode esquecer que um movimento desse tipo procurará forçá-lo não só a tomar medidas políticas desfavoráveis ao Estado, como também fazer com que empregue medidas repressivas severas, objetivando, com isso, a mudança da opinião popular, a união das massas contra o poder dominante e, por fim, a derrubada do regime.⁵¹

A consequência mais plausível do terrorismo não-controlado não é que ele acarrete uma reforma revolucionária indesejável, mas sim que resulte numa onda de repressão violenta, quer seja da parte do governo ameaçado, quer seja por um povo exasperado, que procura agrupar-se em defesa própria e fazer justiça pelas próprias mãos, através de movimentos de retaliação. Assim sendo, a reação exagerada não apenas prejudicaria o próprio modo de viver da popula-

ção, como desempenharia importante papel nas mãos dos terroristas, trazendo-lhes maior simpatia popular e aumentando consideravelmente suas hostes.⁵² Em consequência, uma reação exagerada do Estado, ao invés de prejudicar, beneficiaria os terroristas. Deve-se levar em consideração o fato de que os recursos técnicos e em pessoal postos à disposição das Forças de Segurança, mesmo tendo permitido a estas atingirem condições ótimas de operação, não evitarão que os terroristas continuem a cometer crimes, se contarem com o apoio parcial ou total da população.⁵³

A melhor forma de agir, a ser adotada pelo Governo ameaçado, é a atuação política e psicológica, empregadas em ações simultâneas e coordenadas. Trata-se de garantir o consenso e o apoio popular, que devem ser a base sobre a qual deve assentar-se todo e qualquer regime democrático moderno e eficiente. Todos os aspectos da política e das operações antiterrorismo devem estar sob o controle absoluto das autoridades constituídas e, portanto, serem democraticamente justificáveis.⁵⁴

Cada ação terrorista requer uma defesa específica e uma reação determinada pela situação. A experiência recente tem demonstrado que as reações devem ser determinadas por uma regra: durante um ataque, os organismos do Estado responsáveis pelas medidas a adotar não devem reagir segundo as expectativas dos terroristas. Se tal acontecer, significa que sua ação foi bem-sucedida, o que conduzirá à repetição de semelhante fato. As

instituições do Estado devem, portanto, mostrar que não se submeterão à chantagem e que a violência não será tolerada. Caso contrário, um problema que é essencialmente de segurança poderá vir a transformar-se em questão da existência futura das sociedades e Estados livres.⁵⁵

Discussão

Tem sido observada a presença constante de atos terroristas nos noticiários internacionais, principalmente a partir da última década. Tal fato é decorrente da situação mundial de hoje, em que predomina a divisão ideológica entre as superpotências. Assim sendo, todos os recursos são válidos, na busca do predomínio e liderança sobre as demais nações, buscando atraí-las para as respectivas esferas de influência.

O terrorismo surge, atualmente, revestido de uma nova característica, que o diferencia do modelo empregado no passado: hoje em dia, ele é indiscriminado e, utilizado como arma política, serve não só para coagir governos como também para comover a opinião pública mundial. Estas novas funções do terrorismo tornaram-se extremamente facilitadas pelo atual processo tecnológico atingido pelos modernos meios de comunicação de massa. Através destes, as imagens e o impacto produzido pelo ato terrorista transferem-se instantaneamente a todos os continentes. Essa repercussão global é que configura o verdadeiro objetivo do terrorismo como arma política.

Sem dúvida alguma, existem algumas correntes de pensamento, expressas por diversos autores, que tendem a exagerar a importância dessa nova arma do arsenal político mundial, devido ao seu caráter espetacular e à possibilidade de ampla repercussão a ser obtida. Sem querermos inflétir em sentido absolutamente contrário a essas opiniões, minimizando-as e desprezando os reflexos do terrorismo na estrutura governamental do país-alvo, gostaríamos apenas de acrescentar que a extensão da sua utilização, bem como os efeitos alcançados, dependem intrinsecamente de problemas internos existentes no país, da posição assumida pelo governo no seu combate e, finalmente, das condições que possibilitem a duração e persistência da organização terrorista, como o apoio da população e o financiamento externo, por exemplo. Estes são os principais motivos porque alguns movimentos de terrorismo político obtiveram mais sucesso do que outros: garantia do apoio das massas, devido aos elevados ideais nacionalistas-separatistas (processos de descolonização); fortalecimento devido à assistência de países estrangeiros e incapacidade de governos fracos para se lhes oporem adequada resistência.

A nosso ver, também é errôneo julgar-se que o terror político seja a "estratégia do fraco" contra o poderio das forças legais de repressão do Governo. Esta nossa discordância é baseada nos seguintes fatores:

- 1) As ações terroristas somente

são desencadeadas no âmbito de países que possuam as "condições ideais" para o seu êxito. Isto, sem dúvida alguma, pressupõe um prévio trabalho de planejamento e preparação, indispensáveis ao sucesso das operações a serem desenvolvidas.

2) Os elementos que tomam parte nessas ações, em sua quase totalidade, não as executam pelo simples espírito de aventura e sim porque estão imbuídos de sólidas convicções políticas e ideológicas, por vezes até fanatizados. Tal situação coloca-os, em princípio, com um preparo psicológico adequado para assumir quaisquer riscos e enfrentar todos os perigos conseqüentes de suas ações extremadas. Já as tropas legais ou forças de segurança (à exceção de equipes especialmente treinadas), normalmente, não se encontram preparadas para combater os terroristas em condições ideais, só alcançando o adestramento militar e psicológico com a experiência, obtida após vários embates sucessivos. Assim sendo, pelo menos no início, os terroristas possuem ascendência sobre seus oponentes, quanto ao aspecto do moral de combate.

3) Por outro lado, as características da ação do terrorismo político, vistas acima, em especial a indiscriminação e a imprevisibilidade, dão aos terroristas o fator primordial de sucesso às suas ações — a Surpresa. Em realidade, podendo atacar em qualquer lugar, a qualquer momento e contra qualquer alvo, cabe-lhes a iniciativa das ações. No mais das vezes, as forças de segurança reagem a um ataque

já desfechado, procurando limitar ao mínimo a repercussão já alcançada por estes. Em conseqüência, o governo adota, verdadeiramente, uma atitude defensiva, só podendo passar à ofensiva em circunstâncias que lhe favoreçam essa manobra.

4) Tendo em vista a característica internacional atualmente assumida pelo terrorismo político, vale ressaltar também que os integrantes da organização patrocinadora, geralmente, são elementos treinados em outros países e especialmente adestrados nas táticas terroristas. Por outro lado, o apoio logístico e financeiro é obtido, normalmente, no exterior. Estas circunstâncias permitem, portanto, que se descarte desde logo a condição de fraqueza aos terroristas, já que possuem três características essenciais ao êxito de qualquer operação: treinamento, instrução (adestramento) e equipamento adequado (apoio logístico), obtidos através de suas ligações internacionais.

Em seu livro *Guerrilheiros e Terroristas* (edição da Biblioteca do Exército), Richard Clutterbuck menciona um velho provérbio chinês — "Mata um e assustarás dez mil" — e, associando-o com os recursos tecnológicos e a instantaneidade dos atuais meios de comunicação de massa, propõe a sua alteração para: "Mata um e assustarás dez milhões." Concordamos integralmente com tal raciocínio, considerando que, conforme demonstrado anteriormente, não é a vítima em si do atentado terrorista o seu objetivo precípua e sim o grupo social, que será atingido pe-

los efeitos posteriores da propaganda conseqüente da divulgação do fato. Os resultados do terrorismo político persistem no tempo, muito além da comoção causada no instante do atentado, tornando compensadores todos os recursos gastos no preparo do mesmo e os riscos assumidos na sua execução. Ao contrário das operações convencionais, o objetivo não é chegar-se a uma vitória militar e sim precipitar uma situação política que se torne insustentável para o governo cuja estabilidade se deseja eliminar ou, pelo menos, abalar.

Os exemplos demonstram que os grupos que utilizam a violência com arma política, de um modo geral, tendem a atacar objetivos fáceis, que lhes garantam possibilidade de êxito. Contudo, deve-se observar que, quanto mais ambiciosa for a meta a atingir, tanto mais intenso será o nível alcançado pelo terrorismo. Da mesma forma, observa-se que a escolha do método a ser empregado pelos terroristas varia de acordo não só quanto à possibilidade esperada de êxito, conforme visto acima, mas também de acordo com a repercussão desejada. Assim, por exemplo, é mais fácil seqüestrar um diplomata do que executar-se uma fuga em massa de uma prisão. O réfem servirá como garantia para a exigência feita ao Governo pela libertação dos presos políticos em poder do regime contestado. Por outro lado, tal fato gerará maior publicidade, em âmbito internacional, do que uma ação localizada de assalto a uma prisão local.

A experiência histórica da pró-

pria Rússia convenceu os dirigentes soviéticos de que o terrorismo político pode e deve ser empregado como um fator de auxílio para o fatal enfraquecimento dos regimes ocidentais. Daí decorre sua atual contribuição para o apoio internacional ao terrorismo, auxiliando os Movimentos de Libertação Nacional em todo o mundo, visando enfraquecer politicamente o Ocidente e promover os interesses comunistas, alargando cada vez mais a esfera de influência soviética. De um modo geral, tal atitude vem obtendo os resultados almejados, sob o passivo beneplácito dos regimes democráticos, tal como aconteceu na África e está sucedendo agora na América Central.

O juiz Arthur J. Goldberg declarou, certa vez, que "o terrorismo moderno, tendo a seu dispor recursos tecnológicos sofisticados e, futuramente, com a possibilidade de acesso às armas químico-biológicas e nucleares, representa uma ameaça à própria sobrevivência da civilização". Julgamos que tal afirmativa peca por um excesso de pessimismo. Embora não possamos descartar a hipótese por ele aventada, pois sempre existirá a possibilidade de um ataque desse tipo, cremos não ser provável a sua ocorrência, tendo em vista que o impacto emocional resultante seria extremamente considerável, afastando totalmente a simpatia popular da causa defendida pelos terroristas. Isto lhes seria sumamente inconveniente porque, afinal de contas, o inimigo por eles combatido é o governo e não a população, que precisam conquistar. As-

sim sendo, é de se esperar que um ataque terrorista com emprego de armas nucleares só venha a ocorrer em casos extremos de desespero ou de fanatismo total, quando não há mais nada a perder, mas também nada há a ganhar. Ou seja, quando se concretizar um dos imponderáveis da guerra, que fogem a qualquer estimativa ou raciocínio lógico. De qualquer forma, deve o mundo livre prevenir-se contra essa ocorrência, pelo aumento das medidas de segurança e proteção nas instalações e depósitos de armas ou materiais nucleares e adoção de legislação internacional específica sobre esse assunto.

Está sobejamente comprovado que o terrorismo político de hoje em dia tem caráter multinacional. Os exemplos havidos demonstram também que a cada ação bem-sucedida segue-se um recrudescimento de outras, pois nada faz maior sucesso do que o próprio sucesso. É o fenômeno da "bola de neve" que, se não for detida, a cada instante mais se avoluma. Assim sendo, a reação antiterrorista deve ser desencadeada de imediato, evitando-se o aumento desproporcional do problema, antes que seja tarde demais. Por outro lado, para que seja realmente eficaz, é necessário que a reação se faça em âmbito internacional e não fique circunscrita apenas ao espaço geográfico do país atacado. De qualquer forma, não deve o Governo transigir com as exigências dos terroristas, pois as experiências anteriores já comprovaram que isto apenas os torna mais audaciosos e incentiva novas ações, tal como ocorreu no Brasil,

após o seqüestro do Embaixador Elbrick. Internamente, algumas medidas poderiam ser tomadas pelas autoridades governamentais, como prevenção aos atos do terrorismo político, tais como: garantir a proteção e segurança de pessoas, autoridades ou instituições vulneráveis; incrementar a atividade de informações, a fim de manter sob rígido controle e observação constante todas as organizações subversivas existentes no país ou estrangeiras, passíveis de atuar em território nacional.

Uma observação atenta do noticiário internacional permite-nos fazer uma apreciação sobre o desenvolvimento atual do terrorismo político no mundo. Existe uma falsa impressão generalizada de que o número de atentados decresceu, em relação aos ocorridos na década de 70. Na realidade, sucede exatamente o inverso: os atos terroristas aumentaram de intensidade. O que está acontecendo, em verdade, é que houve uma diminuição apenas das ações destinadas a obter grande repercussão internacional, como os ataques a embaixadas e representações diplomáticas, com a tomada de reféns. Isto porque os governos, hoje em dia, dispõem de medidas muito mais rigorosas de segurança e tropas especialmente treinadas para o contraterrorismo, além da firme disposição internacional de não ceder às exigências terroristas. Os seqüestros de aeronaves, por sua vez, já não ocupam mais lugar de destaque nos noticiários. Assim, o terrorismo voltou-se agora para outras formas de ataque, mais san-

grentas e cruéis, como o assassinato e o emprego de bombas, por exemplo. São esses tipos de atividades que estão aumentando, dia a dia. Segundo estatísticas recentes, com relação às ações terroristas, a Europa ocupa hoje o primeiro lugar, seguida pela América Latina e o Oriente Médio.

Uma forma de coibir tal estado de coisas, além da cooperação internacional e atitude firme e decidida dos governos contra o terrorismo, conforme já citado anteriormente, consiste na responsabilidade que deve ser atribuída aos órgãos de comunicação de massa, evitando-se a divulgação dos atos terroristas, negando-lhes, assim, a sua motivação principal — a Propaganda. O maior perigo que pode ameaçar o terrorismo é justamente o de ser ignorado, receber insuficiente ou mesmo nenhuma publicidade e perder, assim, a imagem de lutador em prol da liberdade com que procura revestir-se, junto à opinião pública. Da mesma forma, ainda pior é confrontar-se com autoridades que não estejam dispostas a negociar as suas exigências.

É incontestável o fato de que a esmagadora maioria da população abomina o terrorismo, não apóia suas atividades e anseia pela proteção contra os seus ataques. Cabe às autoridades manter esse estado de ânimo. Os terroristas sabem como utilizar os meios de comunicação social para seu próprio benefício; os governos, nem sempre. O terror existe no coração e no pensamento das vítimas, pois é uma reação subjetiva e instintiva,

em face de uma situação inusitada. O grau de intensidade desse sentimento varia de pessoa para pessoa. E é justamente no campo psicológico que a batalha será travada e tem que ser vencida. Os governos democráticos têm que se convencer dessa realidade e empregar os meios de comunicação eficientemente, em prol da tranquilidade e paz social do país.

Por fim, a título de complementação, não poderíamos deixar de mencionar a mais nova arma do arsenal do terrorismo político, que vem sendo empregada desde 1973, com graves reflexos sobre a economia mundial, o petróleo. A chantagem do combustível, levada a cabo pelas lideranças árabes contra os países do Ocidente, já demonstrou plenamente a sua eficácia, levando o mundo a uma crise econômica sem precedentes. Embora não produza efeitos imediatos e espetaculares como os assassinatos, seqüestros e atentados a bomba, a longo prazo, contudo, essa nova arma é capaz de desestabilizar seriamente um governo. Esta é, modernamente, a nova ameaça a enfrentar. A dependência do petróleo, se controlada por uma organização de terroristas políticos, pode levar um país ao caos e à convulsão social, sem que seja necessário disparar um único tiro ou sacrificar vidas humanas.

CONCLUSÃO

As organizações terroristas que operam em grande parte do mundo são formadas por ideólogos radicais frustrados, fanáticos religioso-

sos, separatistas e simples anarquistas, todos movidos por um fervor doentio. Seus objetivos raramente aparecem explícitos, porém tudo serve como pretexto a atos indiscriminados de violência, com fins políticos; a implantação de uma ideologia; um conflito religioso; a conquista de autonomia para uma nação, região ou grupo minoritário da população; a concessão de metas favoráveis de um governo.

A Europa Ocidental, pelas facilidades de comunicação e de trânsito, além do grau de liberdade proporcionado aos ativistas políticos de todos os matizes, é a região do planeta onde se concentra a maioria dos grupos terroristas e a que mais sofre seus ataques. Atualmente, porém, não existe nenhum continente que esteja totalmente livre dessa praga moderna — o terrorismo político. Ele não distingue países pelo seu grau de desenvolvimento ou cultura e a todos ataca, indistintamente. Em qualquer latitude ou longitude, grande cidade ou minúscula aldeia, estão ocorrendo diariamente violências contra pessoas ou bens materiais.

A origem do terrorismo se perde na própria história da humanidade, porém somente a partir da década de 60 é que se registrou o crescimento das atividades das organizações extremistas, inspiradas num clima de reivindicações e ativismo político. Os terroristas surpreenderam o mundo pela audácia e violência dos seus ataques. Os Estados atingidos não estavam, inicialmente, preparados para defender-se convenientemente, o que

propiciou o incremento dos assaltos e seqüestros em escala mundial. Aos poucos, porém, as nações foram compreendendo os diversos aspectos do problema e passaram a se aparelhar para enfrentá-lo em igualdade de condições.

Algumas organizações terroristas operam há muitos anos; outras surgiram recentemente e outras mais tiveram efêmera duração. O fator inovador surgido hoje em dia é o indício seguro de que existe, em funcionamento, uma "Central do Terror", núcleo irradiador de atividades extremistas em todo o mundo, com vinculações internacionais, sobretudo no campo do treinamento militar e ideológico. O terrorismo moderno assemelha-se a uma grande empresa: as organizações dispõem de locais de reunião e de homizio, meios de transporte e completo e sofisticado equipamento operacional, incluindo armas e munições.

Para enfrentar essa ameaça, cabe ao Estado agredido o direito e o dever de acionar os meios legais ao seu alcance. Caso surja uma emergência real e se for necessário a um governo responsável decidir entre a sobrevivência nacional e a adoção de medidas restritivas aos direitos e liberdades do cidadão, ainda que em caráter temporário, não pode haver vacilações na tomada de decisão justa, oportuna e corajosa.

NOTAS DE REFERÊNCIAS

1. WILKINSON, Paul. *Terrorismo político*. Trad. de Jorge Arnaldo Fortes. Rio de Janeiro, Ed. Artenova, 1974, 154 p.

2. COLETÂNEA L. *Terrorismo, um problema crescente*. Brasília, EsNI, nº 25, out. 68.
3. COLETÂNEA L. *O perfil de um terrorista*. Brasília, EsNI, nº 24, set 78.
4. COLETÂNEA L. *Terror tecnológico: uma nova era*. Brasília, EsNI, nº 38, mar/abr 80.
5. COLETÂNEA L. *Operações terroristas em áreas urbanas*. Brasília, EsNI, nº 26, nov 78.
6. LAQUEUR, Walter. *Le Terrorisme*. In: *Coletânea L. Resenha Bibliográfica*, Brasília, EsNI, nº 44, 2º trim. 82.
7. COLETÂNEA L. *Terrorismo, a doença do século*. Brasília, EsNI, nº 19, abr 78.
8. *Ibid.*
9. *Ibid.*
10. COLETÂNEA L. *Terrorismo, um problema crescente*. Brasília, EsNI, nº 25, out 78.
11. WILKINSON, Paul. *Terrorismo político*. Trad. de Jorge Arnaldo Fortes. Rio de Janeiro, Ed. Artenova, 1974, 154 p.
12. COLETÂNEA L. *Terrorismo, um problema crescente*. Brasília, EsNI, nº 25, out 78.
13. COLETÂNEA L. *A URSS sustenta e exporta o terrorismo*. Brasília, EsNI, nº 42, nov/dez 80.
14. COLETÂNEA L. *Terrorismo, a doença do século*. Brasília, EsNI, nº 19, abr 78.
15. COLETÂNEA L. *Terrorismo, um problema crescente*. Brasília, EsNI, nº 25, out. 78.
16. *Ibid.*
17. STERLING, Claire. *A rede do terror: a guerra secreta do terrorismo internacional*. Trad. de Luiz Horácio da Matta. Rio de Janeiro, Nórdica, 1981, 384 p.
18. LAQUEUR, Walter. *Le Terrorisme*. In: *Coletânea L. Resenha Bibliográfica*, Brasília, EsNI, nº 44, 2º trim 82.
19. STERLING, Claire. *A rede do terror: a guerra secreta do terrorismo internacional*. Trad. de Luiz Horácio da Matta. Rio de Janeiro, Nórdica, 1981.
20. COLETÂNEA L. *Terrorismo, a doença do século*. Brasília, EsNI, nº 19, abr 78.
21. COLETÂNEA L. *Terrorismo, um problema crescente*. Brasília, EsNI, nº 25, out. 78.
22. COLETÂNEA L. *Operações terroristas em áreas urbanas*. Brasília, EsNI, nº 26, nov 78.
23. *Ibid.*
24. WILKINSON, Paul. *Terrorismo político*. Trad. de Jorge Arnaldo Fortes. Rio de Janeiro, Ed. Artenova, 1974, 154 p.
25. COLETÂNEA L. *Operações terroristas em áreas urbanas*. Brasília, EsNI, nº 26, nov. 78.
26. COLETÂNEA L. *Terrorismo, um problema crescente*. Brasília, EsNI, nº 25, out 78.
27. COLETÂNEA L. *Operações terroristas em áreas urbanas*. Brasília, EsNI, nº 26, nov 78.
28. COLETÂNEA L. *Terrorismo, a doença do século*. Brasília, EsNI nº 19, abr 78.
29. CURSO B1/81. *O terrorismo no Brasil*. Brasília, EsNI, 1981.
30. WILKINSON, Paul. *Terrorismo Político*. Trad. de Jorge Arnaldo Fortes. Rio de Janeiro, Ed. Artenova, 1974, 154 p.
31. COLETÂNEA L. *Terrorismo, um problema crescente*. Brasília, EsNI, nº 25, out 78.
32. WILKINSON, Paul. *Terrorismo político*. Trad. de Jorge Arnaldo Fortes. Rio de Janeiro, Ed. Artenova, 1974, 154 p.
33. COLETÂNEA L. *Terrorismo, um problema crescente*. Brasília, EsNI, nº 25, out 78.
34. CLUTTERBUCK, Richard. *Terrorismo*. Trad. de José Lívio Dantas. Rio de Janeiro, Agents Ed., 1979, 140 p.
35. COLETÂNEA L. *Terrorismo, um problema crescente*. Brasília, EsNI, nº 25, out 78.
36. *Ibid.*
37. STERLING, Claire. *A rede do terror: a guerra secreta do terrorismo internacional*. Trad. de Luiz Horácio da Matta. Rio de Janeiro, Nórdica, 1981, 384 p.
38. COLETÂNEA L. *O perfil de um terrorista*. Brasília, EsNI, nº 24, set 78.
39. COLETÂNEA L. *Terrorismo, a doença do século*. Brasília, EsNI, nº 19, abr 78.
40. COLETÂNEA L. *Terrorismo, um problema crescente*. Brasília, EsNI, nº 25, out 78.
41. *Ibid.*
42. COLETÂNEA L. *Terrorismo, a doença do século*. Brasília, EsNI, nº 19, abr 78.
43. COLETÂNEA L. *O perfil de um terrorista*. Brasília, EsNI, nº 24, set 78.
44. COLETÂNEA L. *A Internacional Terrorista da América Latina*. Brasília, EsNI, nº 10, jul 77.
45. COLETÂNEA L. *Terrorismo, um problema crescente*. Brasília, EsNI, nº 25, out 78.
46. COLETÂNEA L. *A URSS sustenta e exporta o terrorismo*. Brasília, EsNI, nº 42, nov/dez 80.
47. STERLING, Claire. *A rede do terror: a guerra secreta do terrorismo internacional*. Trad. de Luiz Horácio da Matta. Rio de Janeiro, Nórdica, 1981, 384 p.
48. CLUTTERBUCK, Richard. *Terrorismo*. Trad. de José Lívio Dantas. Rio de Janeiro, Agents Ed. 1979, 140 p.
49. COLETÂNEA L. *Terror tecnológico: uma*

- nova era. Brasília, EsNI, nº 38, mar/abr 80.
50. STERLING, Claire. *A Rede do Terror: a guerra secreta do terrorismo internacional*. Trad. de Luiz Horácio da Matta. Rio de Janeiro, Nórdica, 1981, 384 p.
51. COLETÂNEA L. *Terrorismo, um problema crescente*. Brasília, EsNI, nº 25, out 78.
52. CLUTTERBUCK, Richard. *Terrorismo*. Trad. de José Lívio Dantas, Rio de Janeiro, Agents Ed. 1979, 140 p.
53. COLETÂNEA L. *As lições do contrateror*. Brasília, EsNI, nº 37, jan/fev 80.
54. COLETÂNEA L. *O mapa do terrorismo*. Brasília, EsNI, nº 28, jan 79.
55. COLETÂNEA L. *As lições do contrateror*. Brasília, EsNI, nº 37, jan/fev 80.
4. COLETÂNEA L. *Terrorismo, a doença do século*. Brasília, EsNI, nº 19, abr 78.
5. COLETÂNEA L. *O perfil de um terrorista*. Brasília, EsNI, nº 24, set 78.
6. COLETÂNEA L. *Terrorismo, um problema crescente*. Brasília, EsNI, nº 25, out 78.
7. COLETÂNEA L. *Operações terroristas em áreas urbanas*. Brasília, EsNI, nº 26, nov 78.
8. COLETÂNEA L. *O mapa do terrorismo*. Brasília, EsNI, nº 28, jan 79.
9. COLETÂNEA L. *As lições do contrateror*. Brasília, EsNI, nº 37, jan/fev 80.
10. COLETÂNEA L. *Terror tecnológico: uma nova era*. Brasília, EsNI, nº 38, mar/abr 80.
11. COLETÂNEA L. *A URSS sustenta e exporta o terrorismo*. Brasília, EsNI, nº 42, nov/dez 80.
12. CURSO B1/81. *O terrorismo no Brasil*. Brasília, EsNI, 1981.
13. LAQUEUR, Walter. *Le Terrorisme*. In: *Coletânea L. Resenha Bibliográfica*. Brasília, EsNI, nº 44, 2º trim. 82.
14. STERLING, Claire. *A rede do terror: a guerra secreta do terrorismo internacional*. Trad. de Luiz Horácio da Matta. Rio de Janeiro, Nórdica, 1981, 384 p.
15. WILKINSON, Paul. *Terrorismo Político*. Trad. de Jorge Arnaldo Fortes. Rio de Janeiro, Ed. Artenova, 1974. 154 p.

BIBLIOGRAFIA

1. CLUTTERBUCK, Richard. *Guerrilheiros e terroristas*. Trad. de Virgínia Bombeta. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980, 123 p.
2. CLUTTERBUCK, Richard. *Terrorismo*. Trad. de José Lívio Dantas. Rio de Janeiro, Agents Ed. 1979, 140 p.
3. COLETÂNEA L. *A Internacional Terrorista da América Latina*. Brasília, EsNI, nº 10, jul 77.



Cel Art QEMA João Amâncio de Queiroz Neto — Aspirante da turma de 04 Dez 60, possui os cursos militares de especialização de Oficial de Radar, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Além de exercer todas as funções normais de subalterno e membro de Estado-Maior de várias Unidades de Artilharia, foi também instrutor da Escola de Defesa Antiaérea e, posteriormente, da Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea e do Curso de Artilharia da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Como Tenente, proferiu conferências na Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica sobre o tema "Defesa Antiaérea no TO"; como Capitão, assumiu a instrutoria da matéria "Guerra Revolucionária e Guerrilhas" no Curso de Formação de Oficiais Aviadores Navais na Base Aeronaval de São Pedro da Aldeia; como Ten Cel, proferiu conferências na Escola de Guerra Naval sobre "Propaganda, Contrapropaganda e Guerra Psicológica". Como Oficial do QEMA, suas principais funções foram as seguintes: Chefe da Seção de Planejamento e Coordenação da 17ª Bda Inf S1, Instrutor das Seções de Ensino de Informações e Contrainformações da Escola Nacional de Informações e, atualmente é Comandante do 18º GAC (RONDONÓPOLIS/MT).